

Ayodele Floriano Silva

Alan Caldas

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Diálogos de saberes tradicionais, populares e sociológicos na educação básica

Capoeira e literatura como instrumentos de socialização de crianças: um relato de experiência

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

Partimos de uma experiência na qual a prática da capoeira angola e da literatura infantojuvenil, orientadas por saberes da sociologia da infância, foram combinadas com diversos outros pequenos rituais, tendo em vista a construção de territórios de socialização, onde crianças, como protagonistas, puderam reconstruir sua subjetividade e a sua convivência com seus pares a partir de princípios cooperativos e artísticos.

Essa é uma pesquisa participativa realizada na Associação Meninos da Aracy, uma Organização Não-Governamental localizada na cidade de Itirapina, SP, que atende crianças em situação de vulnerabilidade social. Ela foi realizada durante o período de março de 2018 a março de 2020, tendo sido interrompida devido à pandemia de COVID-19. O público do projeto eram crianças de ambos os sexos, com idade entre 4 e 12 anos, moradoras de bairros pobres e desassistidos da cidade.

A pesquisa se iniciou a partir de um convite feito pela referida instituição para que realizássemos oficinas de capoeira angola para as crianças atendidas pela instituição. Aceitamos o convite na forma de uma experiência, já que não sabíamos de antemão como apresentáramos a capoeira angola para crianças com idades diversas e fora do ambiente de ensino tradicional dessa arte, isto é, fora da academia de capoeira.

Desde o princípio não gostaríamos que a experiência no projeto reproduzisse fielmente o ambiente de uma academia de capoeira, pois as condições de ensino eram muito diferentes, por exemplo, o espaço não era reservado exclusivamente para a capoeira, as aulas aconteciam apenas uma vez por semana, não tínhamos todos os instrumentos musicais necessários para a execução do ritual da roda e, sobretudo, a ideia principal não era formar capoeiristas, nosso objetivo era fornecer às crianças elementos vindos dessa prática da cultura negra como instrumentos de socialização.

Através da capoeira angola, a entrada no universo da cultura negra se daria, sobretudo, por meio da oralidade, da musicalidade e da expressão corporal. No entanto,

ao longo do processo, conhecendo mais de perto a realidade vivida pelas crianças, percebemos que a entrada no mundo cultural afro-brasileiro necessitava também ser mediada pela linguagem escrita, já que era comum dificuldades de alfabetização por parte do nosso público. Então, levantamos um conjunto de obras literárias infantis e infanto juvenis com a temática da capoeira para serem lidas durante as atividades.

Como se tratava de uma experiência nova para todas as pessoas participantes, resolvemos realizar concomitantemente ao nosso trabalho educativo, também uma pesquisa, tanto para subsidiar nossa prática, quanto para refletirmos sobre as possibilidades de criação com as crianças de um território de socialização orientado por valores ligados à capoeira e à literatura, por exemplo, a sociabilidade, o cuidado de si e do outro, a ludicidade e a cooperação. Este trabalho relata os resultados dessa reflexão.

Consideramos que a experiência que relataremos a seguir, consistiu em um diálogo frutífero entre os saberes acadêmicos da sociologia da infância, da literatura infantojuvenil e os saberes da cultura negra tradicional, baseada na oralidade. Dessa forma, acreditamos que o compartilhamento dessa experiência com profissionais da educação pode ampliar o alcance dela e trazer contribuições de olhares críticos para esse percurso.

Dessa forma, nosso objetivo geral é relatar como capoeira, literatura e a sociologia da infância puderam contribuir para a criação de territórios de socialização, através de rituais, para crianças. Nosso objetivo específico é apresentar, do ponto de vista teórico e metodológico, um processo de socialização concreto onde saberes acadêmicos, saberes populares e as vivências das crianças foram combinados numa série de rituais visando a resolução de um problema social concreto, qual seja, a falta de espaços cooperativos para a construção e a expressão da subjetividade infantil.

Partimos de uma metodologia etnográfica baseada na observação participante, na construção de cadernos de campo, entrevistas gravadas, na escuta das crianças e em desenhos feitos por elas.

Nossos encontros eram divididos em momentos rituais onde o pesquisador e a pesquisadora se alternavam na condução dos processos pedagógicos e na observação do comportamento das crianças. Antes dos encontros, as atividades eram planejadas a partir das observações anteriores e da nossa vivência, seja na capoeira angola, na literatura infantil, na sociologia e na pedagogia. No fim de cada encontro, avaliávamos os acontecimentos do dia e fazíamos registros de campo. Frequentemente, eram feitos registros visuais pela equipe gestora da instituição e esses registros eram compartilhados conosco. Concomitantemente, realizávamos a escuta atenta das crianças nas rodas de conversa que iniciavam nossos encontros. Também, em momentos diversos, tentávamos acolher as crianças e ouvir suas demandas.

Durante a nossa escuta percebemos que as crianças careciam de espaços nos quais pudessem manifestar sua subjetividade de maneira autoral. No início, essa demanda era realizada a partir de comportamentos baseados na agressão verbal e física entre as crianças. Então, percebemos a necessidade de organizar essas tendências em rituais construídos conjuntamente a partir das práticas da capoeira angola e da literatura. Por meio da tentativa e do erro construímos, com as crianças, rituais que fossem agradáveis para o grupo. Ao longo do processo, a repetição desses rituais trouxe conforto e organização interna para as crianças, que construíram para si lugares de expressão e solidariedade com o grupo.

A socialização através de pequenos rituais elaborados a partir de práticas e saberes diversos, tendo em vista as demandas das crianças e suas necessidades expressivas, mostrou-se eficiente na construção de territórios de socialização, de expressão e de solidariedade.

Como resultado, podemos concluir que as práticas da capoeira angola e da literatura com as crianças possuem grande potencial socializador no que se refere à convivência solidária, democrática, amorosa e respeitosa desde que se tenha flexibilidade para ordená-las no tempo e no espaço de acordo com as necessidades e interesses das crianças.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Anete Abramowicz (2011), a sociologia da infância estuda a constituição da criança e de sua infância, criando um campo, no qual pesquisadoras e pesquisadores se esforçam para compreender e inventar a criança. Desse modo, ela se interessa em mapear as forças sociais a partir das quais a criança se constitui na sua empiricidade como sujeito singular que tem seus valores, expectativas, direitos, aspirações, cálculos e interesses. Para tanto, esse campo teórico fez algumas inflexões na tentativa de falar da criança e de sua infância a partir de outros referenciais, criando modalidades para entender o que é ser criança e ter uma infância.

Uma das inflexões mais importantes está ligada ao conceito de socialização, ele aproximou a sociologia e os temas da criança e da infância (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2011). A sociologia da infância vai romper com a socialização clássica, visto que altera a concepção de criança como objeto passivo de uma socialização conduzida por instituições como a família e a escola. A concepção vertical e unilateral do processo de iniciação da criança ao mundo que a cerca é substituída por uma visão como multidimensional (MARCHI, 2009).

Na concepção multidimensional, a criança é vista como uma parceira, uma agente de sua própria socialização e também de seus pares e familiares. O processo de socialização passa a ser entendido como um processo contínuo e múltiplo em suas direções (MARCHI, 2009). Essa visão, portanto, amplia os agentes do processo de socialização e os territórios em que esse tem lugar, para além dos adultos, da família e da escola.

Trataremos o espaço social no qual se desenvolveu o referido projeto com as crianças como um território de socialização. Para o estudarmos, lançamos mão de uma das principais ferramentas da sociologia da infância que é a etnografia com crianças. Segundo Ivana Martins da Rosa, Manuela Martinho Ferreira e Patrícia de Moraes Lima (2020), essa abordagem aproxima os sujeitos envolvidos na pesquisa e aumenta a

reciprocidade entre eles. Além disso, procura entender como a criança se abre ao mundo, quais saberes ela constitui e como esses saberes ajudam a problematizar o lugar da pessoa que faz etnografia, de modo a atualizar sua própria concepção de infância.

Na nossa etnografia com as crianças, a pesquisadora e o pesquisador foram criando outro corpo e outro saber a partir da relação investigativa, isso estabeleceu uma relação epistemológica de reciprocidade que construiu um mundo comum, onde os saberes das crianças foram reconhecidos como legítimos e importantes. Para isso foi necessário a prática da escuta sensível e atenta.

De acordo com Júlia de Oliveira Formosinho e Sara Barros de Araújo (2008), teóricos e investigadores da infância têm sinalizado sobre a importância e a utilidade de escutar as vozes das crianças, sobre os assuntos que lhes dizem respeito, para superar a postura adultocêntrica. Em vista disso, a escuta das crianças foi realizada sistematicamente em diversos momentos de nossas práticas, principalmente nas rodas de conversa que iniciavam as atividades. Nessas conversas as crianças falavam como se sentiam naquele momento, se tinha algo que as incomodava, se acontecera alguma coisa marcante durante a semana, entre outras coisas. Depois de um ano de projeto, foi realizada uma escuta individual centrando-se na percepção das crianças sobre o modo como estavam vivendo aquela experiência.

Outra ferramenta da etnografia que utilizamos foi o clássico caderno de campo, no qual anotávamos as atividades que iríamos apresentar a cada encontro para as crianças. Depois, registrávamos como havia sido a recepção delas para essas atividades: o que elas gostaram e o que não gostaram, em quais atividades tinham maior engajamento, quais práticas novas elas traziam para nós e quais demandas elas tinham acerca do nosso trabalho.

Outra forma de acesso à subjetividade das crianças foi feita através de desenhos. Como argumentou Márcia Gobbi (2008), os desenhos infantis são práticas nas quais as crianças representam o mundo, bem como as relações sociais que o constituem. Os desenhos são verdades iconográficas nas quais estão presentes a subjetividade da

criança, bem como suas intenções. Percebemos que os desenhos constituíam também importante fonte de memória para o grupo, visto que traziam, sobretudo, representações de um território da infância, no qual as crianças eram sujeitos ativos.

No momento do desenho, pedimos para as crianças que registrassem os momentos rituais de nossos encontros que elas julgassem mais importantes. Não pedimos desenhos que representassem fielmente nossos ritos, e sim desenhos que usassem livremente a memória e a imaginação. O uso dos desenhos exige um exercício constante do olhar sensível para o que as crianças representam de sua infância e para as histórias que elas contam. Com isso, podemos perceber mais a agência da criança enquanto ser criador de cultura (GOBBI, 2008).

Todas essas ferramentas teórico-metodológicas visam superar a posição adultocêntrica e sair da posição de privilégio epistemológico, constituindo novas relações ético-metodológicas (ROSA; FERREIRA; LIMA, 2020), que devem ser objeto de reflexões renovadas no campo da pesquisa em ciências sociais, especialmente, nas investigações que envolvem crianças.

Segundo Renata Lopes Costa Prado e Marcos Cezar de Freitas (2020), é importante que o questionamento ético perpassa toda a pesquisa e contemple a questão de que a criança não é objeto e sim um ator social fundamental na constituição da investigação. Nessa perspectiva, a criança é vista como sujeito responsável por suas ações, escolhas e questionamentos que dialogicamente influenciam as ações dos pesquisadores e das pesquisadoras, bem como os rumos da pesquisa.

Tendo em vista essa abordagem ética da pesquisa, depois que estávamos familiarizados com as crianças e com o espaço, fizemos uma roda de conversa na qual propomos para as elas a realização de uma pesquisa sobre o trabalho que estávamos realizando. Tentamos explicar, numa linguagem acessível, no que consistia uma pesquisa científica.

Dissemos que uma pesquisa é uma forma de olhar com mais atenção para uma determinada coisa, para aprendermos com ela. Utilizamos o exemplo do crescimento de

uma planta: dissemos que podemos olhar para o seu crescimento e aprender com ele sobre o que as plantas precisam para sobreviver, quanto tempo ela demora para crescer, etc. Ao final, indicamos que nosso trabalho ali seria como uma planta que estava crescendo e que precisávamos saber que alimentos ela precisava para crescer melhor a cada dia.

Para isso, propomos uma pesquisa em conjunto, na qual as crianças indicariam o que pensavam sobre nossos encontros por desenhos, entrevistas e fotos. Em seguida, perguntamos se elas queriam ou não participar desse processo, destacamos que mesmo que elas não quisessem participar da pesquisa elas poderiam continuar frequentando os nossos encontros. Diante da resposta positiva de todas elas, providenciamos, com ajuda da gestão da instituição, os documentos necessários para o consentimento formal da pesquisa, dado pelos familiares das crianças.

Dessa forma, não partimos de um referencial teórico metodológico dado *a priori*, fomos construindo nossa perspectiva de pesquisa na medida que foram surgindo problemas práticos e à proporção em que exercitávamos uma escuta ativa das crianças em suas falas e gestos relacionados ao trabalho que estávamos realizando.

RESULTADOS

Um dos registros mais significativos de nosso caderno de campo diz respeito a repetição de um conjunto de práticas ligadas à capoeira e à literatura na forma de pequenos rituais. Como argumentou Mariza Peirano (2003), os rituais são sempre processos coletivos, já que quem define a forma e o conteúdo dos rituais são as pessoas que dele participam. De maneira geral, um ritual é um acordo sobre uma maneira de realizar, num determinado tempo e espaço, com palavras, gestos e sons, práticas que possam ser repetidas indefinidamente. Nesse processo é possível transmitir conhecimentos, valores e resolver conflitos.

Revisando nosso caderno de campo, percebemos que inicialmente a proposta estava centrada em duas atividades, a movimentação e a musicalidade da capoeira. A partir da observação da interação das crianças entre si e com a proposta inicial,

percebemos um problema inicial: a dificuldade em manter o interesse delas nas atividades, durante todo período de nosso encontro (que era de uma hora).

Estávamos ensinando para as crianças a movimentação tradicional da capoeira angola, seguindo a mesma sequência de ensino transmitida para nós por nosso mestre. Percebemos, no entanto, que essa sequência didática não era apreciada pelas crianças. Todavia, não poderíamos simplesmente mudar a movimentação ou a sequência de movimentos em vista do respeito às práticas ancestrais. Então tivemos a ideia de mudar simplesmente os nomes dos movimentos, por exemplo, a negativa tornou-se o jacaré tomando sol; a tesoura, o jacaré de boca aberta; as brincadeiras da ginga se tornaram o boneco de posto, o passo do bêbado, o homem correndo do cachorro, entre outros.

Essa mudança de nomes produziu efeitos simbólicos bastante relevantes. As crianças se divertiam muito mais fazendo os movimentos e também os memorizaram corporalmente com mais facilidade. E., menino de oito anos, perguntado sobre o que mais gostava nas aulas respondeu: “eu mais gosto do boneco do posto”. E sua irmã, M., de cinco anos disse: “só gosto do bonequinho”.

Para além dessa nomenclatura mais lúdica dos movimentos de capoeira, também nos questionamos acerca de que práticas compunham o universo das crianças e que poderiam ser inseridas em nossas atividades. Revisando nosso caderno de campo, vimos descrições de brincadeiras e jogos que as crianças, espontaneamente e sem intervenção de nenhum adulto, desenvolviam, minutos antes de começarmos os nossos encontros, por exemplo, pega-pega, esconde-esconde, ninja e futebol.

Pensamos, então, em trazer as brincadeiras para nossos encontros. Para isso adaptamos os movimentos de capoeira em uma série de brincadeiras. Por exemplo, um dos movimentos de capoeira, realizado com as mãos e os pés no chão, com a barriga para cima, sem colocar o quadril no solo, se tornou a posição de caranguejo e, juntado a uma bola, deu origem ao futebol dos caranguejos. Decidimos colocar, a cada encontro, uma nova brincadeira depois da movimentação de capoeira e da musicalidade. O

resultado foi muito positivo: as crianças sempre perguntavam qual ia ser a brincadeira do dia e aguardavam com muito interesse a chegada dessa.

Perguntado sobre qual parte das atividades ele gostava mais, R., um menino de 10 anos, respondeu o seguinte: “o que eu gosto mais é a brincadeira porque depois de termos feito todo aquele esforço, a gente pode se divertir um pouco (...) quando eu estou nas aulas de capoeira eu sinto felicidade e alegria”. Sua irmã, A., de 9 anos também disse gostar das brincadeiras, por ser um momento que ela pode compartilhar com o irmão: “eu gosto mais da brincadeira porque quando meu irmão chega em casa ele mexe no celular e aqui na capoeira a gente brinca juntos”.

Ainda assim, depois de alguns minutos, as crianças se entediavam com a movimentação da capoeira e também com a musicalidade. Era preciso criar um contexto no qual essas músicas e essa movimentação adquirissem sentido para todos e todas do grupo. A saída encontrada foi contar histórias a partir das cantigas de capoeira. As crianças se interessaram bastante pela contação de histórias. Por exemplo, uma cantiga conhecida como “a onça morreu, o mato é meu”, deu origem a uma história improvisada de dois amigos que disputavam um espaço de terra, onde a onça morava. O resultado foi surpreendente, já que as crianças memorizaram rapidamente a música e, por diversas vezes, em outros encontros, pediram para ela ser cantada novamente.

Outro problema frequente era que algumas crianças iam até nosso projeto, porém não queriam realizar as atividades propostas. Ficamos interessados em saber o motivo desse fato, afinal a presença não era obrigatória como na escola e mesmo assim eles iam até lá, contudo, por algum motivo, se recusavam a participar. Por isso, resolvemos fazer uma roda de conversa antes de iniciarmos nossas atividades. Nessa roda, cada criança poderia falar como estava, o que gostaria de fazer naquele dia e quais eram as suas expectativas. Com essas conversas pudemos acolher as crianças e seus dificuldades, bem como conhecer melhor suas vivências.

Numa dessas rodas de conversa, uma criança chamou a outra de “burra” pelo fato de não saber ler, apesar de já estar com oito anos. Depois do encontro, conversamos

com a gestão da instituição sobre o ocorrido e fomos informados da dificuldade de várias crianças do projeto com a prática da leitura. Percebemos que seria interessante inserimos a literatura em nossas atividades. Seleccionamos então um conjunto de livros infantojuvenis que se relacionavam com a capoeira e líamos trechos deles a cada encontro.

Essa prática de leitura atraiu muito as crianças, a ponto de, por exemplo, R. pedir para que aumentássemos o tempo dedicado à leitura. No final dos encontros, frequentemente, as crianças pediam para olhar e ler os livros que trazíamos. No dia que fizemos uma atividade avaliativa partir de desenhos, das oito crianças presentes, 3 representaram o momento da leitura como aquele que mais as agradava.

A partir dessa inserção, as próprias crianças começaram a criar pequenos rituais que se repetiam a cada encontro. Um deles foi o de preparar o ambiente para a história, sem que os adultos assim solicitassem. As próprias crianças começaram a constituir o território da leitura: colocavam, no centro do espaço, o banco no qual ficava a pesquisadora, quando lia as histórias; depois estendiam o pano no qual elas ficavam sentadas para ouvir a narração.

O banco de leitura e o tecido foram representados em 3 dos 8 desenhos. Um dos desenhos representava as crianças arrumando o espaço da leitura, indicando que esse era um momento de protagonismos das mesmas. Outros dois desenhos, traziam o banco e o pano estendido no chão, porém sem nenhuma representação de figura humana, o que parece-nos significar que a leitura era um momento de suspensão, onde os corpos se silenciavam e se aquietavam e uma atividade mental mais intensa começava a se desenvolver. Um desses desenhos trazia uma figura humana na capa do livro sobre o banco, indicando que a atividade humana fora transposta para dentro do livro.

Depois da história, as crianças se agitavam no processo de reorganização do espaço para as outras atividades, nesse momento se empurravam, saíam correndo, brigavam umas com as outras. De tal modo, que não havia a concentração necessária para a execução dos movimentos de capoeira. Como um ritual de transição entre a

história e a movimentação de capoeira, incluímos atividades de alongamento e relaxamento, com posturas de ioga, realizadas ao ritmo de músicas infantis. A ideia era que as crianças se acalmasse e ampliassem sua consciência corporal e seu autocontrole. Além de se compassarem em um único corpo devido ao ritmo das músicas, como ocorria tradicionalmente nos cantos de trabalhos.

A. já tinha suas posturas preferidas, em nossa entrevista avaliativa, ela disse gostar “mais de fazer as posturas do cachorro olhando para baixo e a postura do diamante”. F., menino de 11 anos, criou uma conexão entre o ritual da leitura e o do alongamento, de modo que essa era a experiência mais agradável para ele, nas suas palavras: “o que mais gosto é do alongamento e da história. Eu me sinto feliz na aula de capoeira porque é uma capoeira bem legal”.

Percebemos que, espontaneamente, nossos rituais levavam as crianças a um crescente de movimentos corporais, tanto que ao final elas estavam todas muito eufóricas. Como é de praxe na capoeira angola, percebemos ser necessário finalizar nosso ritual para que as crianças pudessem sair do território que criamos juntos e juntas e voltassem para o cotidiano de suas vidas. Escolhemos sempre finalizar, em roda, de mãos dadas, ao som do berimbau, cantando uma cantiga tradicional chamada “Adeus, Adeus, boa viagem”. Em que o nome de cada crianças era entoado e o coro respondia “Adeus, Adeus”.

Dois dos desenhos mencionados referem-se a esse ritual final. Em um deles, aparecem 4 crianças, cada uma de uma cor, num dia ensolarado, de mãos dadas e uma figura tocando berimbau a distância. O fato do desenho usar diversas cores para representar as crianças de mãos dadas, parece indicar um sentimento de conviver em harmonia com a diversidade. A figura tocando o berimbau à distância, aponta para o fato de que os agentes construtores do território são mais as crianças unidas entre si do que os adultos.

Nossos encontros começaram a repetir a seguinte sequência de atividades construídas com as crianças: roda de conversa, preparação para a leitura, leitura de um

livro, musicalização, alongamento, movimentos de capoeira, brincadeira e o adeus, adeus.

Percebemos que os rituais foram de fundamental importância para a construção de um território infantil no qual as crianças faziam atividades que tinham significado para elas e lhes despertava interesse. Além disso, a repetição das mesmas atividades, na mesma ordem, a cada encontro, deu segurança psíquica para as crianças que sabiam exatamente o que esperar de nossos encontros. Assim, se não gostavam de uma parte, faziam-na para esperar a outra que lhes interessava mais. Criando um senso de coletividade e responsabilidade para com a alteridade, visto que todas as atividades contavam com a participação de cada um e cada uma. Concomitantemente, observamos a diminuição da agressividade nas relações entre as crianças, também elas se tornaram menos irritadas e mais receptivas às propostas do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que parece mais significativo na nossa experiência é que, seguindo as orientações da sociologia da infância, possibilitamos às crianças um espaço, um tempo e a matéria-prima necessária para construir seus próprios processos de socialização. A matéria-prima oferecida foi, inicialmente, as práticas da capoeira angola tradicional que, depois, foi acrescida da literatura infantojuvenil. De posse desses elementos, as crianças produziram um território, com ritmos, posturas, palavras, afetos e relações singulares entre si e com os adultos, território esse que lhes trazia prazer e segurança.

Isso é uma forma de valorizar as tradições e os saberes afro-brasileiros que foram subalternizados durante séculos na formação social brasileira e continuam sendo subordinados na educação formal, apesar da legislação que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino público e privado de todo o país.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. Tese - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (org.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17–36.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana De. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação (UFSM)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 39–52, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602>. Acesso em: 16 maio. 2021.

FERNANDES, Natália; FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 21, n. 66, p. 759–779, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782016000300759&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 9 maio. 2021.

FORMOSINHO, Julia Oliveira; ARAÚJO, Sara Barros De. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: FORMOSINHO, Julia Oliveira (org.). **A escola vista pelas crianças**. Lisboa: Porto, 2008.

GOBBI, Márcia. Desenhos e Fotografias: marcas indiciárias das culturas infantis. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 199–221, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1060>. Acesso em: 23 maio. 2021.

PRADO, Renata Lopes Costa; FREITAS, Marcos Cezar De. NORMAS ÉTICAS TRADUZEM-SE EM ÉTICA NA PESQUISA? PESQUISAS COM CRIANÇAS EM INSTITUIÇÕES E NAS CIDADES. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 25,

2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6879>.

Acesso em: 9 maio. 2021.

PRADO, Renata Lopes Costa; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves; ROSEMBERG, Fúlvia. Ética na pesquisa com crianças: uma revisão da literatura brasileira das ciências humanas e sociais. **Childhood & Philosophy**, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 43–70, 2018.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6249825>. Acesso em: 9 maio. 2021.

ROSA, Ivana Martins Da; FERREIRA, Manuela Martinho; LIMA, Patrícia De Moraes.

“- Queres jogar? Assim percebes melhor como se joga! a etnografia como uma experiência adulta de aprender a aprender com as crianças. **Diálogos sobre educación.**

Temas actuales en investigación educativa, [S. l.], v. 11, n. 20, 2020. Disponível em:

http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2007-

[21712020000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2007-21712020000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 30 maio. 2021.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial, 1850-1890**. [s.l.] : Access Editora, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850**. [s.l.] : Editora Unicamp, 2002. v. 7